

# A lusofonia e a irmandade dos povos na língua

## The lusophony and the people brotherhood in the language

---

### Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

Presidente da Federação Internacional de Medicina Tropical

Médico, Doutor em Biologia Humana,

Membro Titular da Academia Nacional de Medicina (Brasil)

e Pesquisador Titular e Professor de Imunologia

e Malariologia do Centro de Pesquisa, Diagnóstico e Treinamento em Malária de Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz

ribeiro@ioc.fiocruz.br

Convidou-me o Professor Paulo Ferrinho para, na qualidade de Presidente da Federação Internacional de Medicina Tropical (IFTM), cumprir a honrosa tarefa de escrever o Editorial para este número dos *Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical* da Universidade nova de Lisboa (IHMT/UNL), dedicado ao 2º Congresso Nacional de Medicina Tropical. Deu-me somente uma instrução: - Faça-o em português. Aceitei a empreitada e o desafio, enaltecido e ditoso pela escolha de meu nome, e honrado e encantado pela ocasião oportuna e coincidente.

Oportuna, pela própria natureza das funções da IFTM que incluem a promoção da interação entre profissionais na área em diferentes Países e o estímulo à criação de Sociedades Nacionais de Medicina Tropical onde elas ainda inexistem ou deixaram de existir. Coincidente, por ter logrado a presença de três lusófonos entre os membros da Diretoria e da Diretoria Expandida com as quais trabalharei no meu mandato de quatro anos, não obstante meu compromisso de nele contemplar representantes dos cinco continentes. Apreciei, portanto, a coincidência do chamamento para produzir esse Editorial ao mesmo tempo em que celebrava a presença de um português (Virgílio do Rosário) na Diretoria Expandida, um Angolano (Filomeno Fortes) na Secretaria Geral e um Brasileiro (eu mesmo) na Presidência da IFTM. Uma tal parceria nos facilitará promover o fortalecimento de Redes Lusófonas de Investigação, como a *Rides-Malária*, que tenho o prazer de integrar há vários anos, ou de outras atividades de fomento ao ensino de pós-graduação de forma inclusiva com os Países Africanos de Língua Portuguesa (PALOPs), como as que minha casa mãe, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), mantém com o igualmente centenário IHMT.

O Brasil é um País plural em muitos sentidos, inclusive o da constituição de seu povo de tão variadas etnias, de tal forma que pode surpreender a alguns tomar ciência de meu relato de que foi só ao me mudar, aos 25 anos, para Paris para espe-

cializar-me em Medicina Tropical e cursar meu Doutorado em Imunologia, que me dei verdadeiramente conta que um negro era um Africano e um amarelo um Asiático. Confesso que até então, vendo-os todos convivendo e falando a mesma língua em meu País, cuja nacionalidade é atribuída aos que nascem em seu solo, nunca havia atentado para esse “detalhe”. À essa lição se acrescentou uma outra, talvez mais importante, “aprendida” primeiro também em França e depois por influência de ações deflagradas por amigos portugueses compromissados com a integração em Rede de cientistas lusófonos empenhados no estudo da malária: “a identificação de um “irmão” naquele com quem posso falar em português em qualquer lugar do planeta”. Poder falar sobre nosso tema de estudo e preocupação em encontros científicos internacionais organizados em Lisboa, Luanda ou Rio de Janeiro com Açorianos, Angolanos, Brasileiros, Cabo-Verdianos, Moçambicanos, Portugueses e outros em uma mesma língua tem sido um dos mais agradáveis exercícios desses últimos anos. Devo tal experiência aos Portugueses, como Virgílio do Rosário, Maria do Rosário Martins e Paulo Ferrinho, em quem percebo tais compromisso e motivação. Da mesma forma julgo que meu País deve a integração de etnias que vivencia cotidianamente, com a mestiçagem que nos torna um povo melhor a cada dia sob os pontos de vista genético e cultural, à visão integradora, pelas motivações que fossem, dos primeiros portugueses que chegaram ao Brasil em 1500 e aqui viveram, primeiro no Brasil Colônia, pelos mais de 300 anos seguintes, e no Império e República livres até hoje.

O IHMT, fundado na Lisboa de 1902, como “Escola de Medicina Tropical Portuguesa” juntamente com o Hospital Colonial, valorizava o conhecimento especializado no âmbito das Doenças Tropicais como resultado da preocupação das autoridades sanitárias do País com as patologias dominantes na época em territórios colonizados por Portugal, ameaça real para os colonizadores, a medicina correspondendo a

fator crucial ao sucesso de colonização (Braga, A., Amaral, I., Duarte, J.C., Seixas, J., Doria, J.L., Castro, R., Guerra, R. & Lobo, R. *Portugal no mundo: o 1º Congresso Nacional de Medicina Tropical, 1952. Abril/2013 V Mostra Museológica do IHMT*).

Onze anos depois da criação do IHMT em Lisboa acontecia o I Congresso Internacional de Medicina Tropical em Londres (1913). Um outro Congresso Internacional, especificamente dedicado à Malária, surgia em 1925 em Roma, e os 2<sup>os</sup> de Medicina Tropical e de Malária ocorriam no Cairo e em Alger, em 1928 e 1930, respectivamente. Mas foi em 1938, em Amsterdam, que os dois congressos se fundiram e passaram a ocorrer com o nome e sigla atuais (Congresso Internacional de Medicina Tropical e Malária, ICTMM). Foi em Amsterdam também<sup>1</sup>, durante a realização do XII ICTMM, exatos 50 anos depois, que surgia a IFTM com o objetivo primordial de garantir a itinerância e qualidade dos Congressos Internacionais nos cinco Continentes.

Em 1952, por ocasião do cinquentenário da medicina tropical portuguesa, realizava-se o I Congresso Nacional de Medicina Tropical. Foi preciso esperar 61 anos até que o IHMT, sob a Direção de Paulo Ferrinho, fizesse renascer em 20-23 de abril deste ano, no mesmo IHMT em Lisboa, o Congresso, organizando sua 2ª Edição que, incluindo o encontro pré-congresso, cursos e oficinas, acolheu 118 palestrantes e cerca de 300 inscritos. Não se prevê a necessidade de nova reanimação “ressuscitatória” uma vez que a 3ª Edição já foi marcada para 2016!

Também neste 2013, ano da celebração do centenário da Criação do I Congresso Internacional de Medicina Tropical, a IFTM decidiu criar Eventos alusivos à data em Congressos Nacionais ou Regionais nos Países com Sociedades Federa-

O primeiro deles ocorreu justamente no **II Congresso Português de Medicina Tropical**. Uma mesa prevista para ser presidida por mim e meu colega Filomeno Fortes (Secretário Geral da IFTM) ocorreu sob sua competente batuta em minha ausência (por motivo de força maior). O tema escolhido foi “Controle da Malária em África” com os palestrantes Stephane Duparc (Suíça), Sylvie Manguin (França), Mavy Hernandez (Cuba), Katrina Lee (Coréia do Sul) e Claude Fourant (França). O segundo evento foi em Luanda, Angola, em 13/6/2013, sob a forma das “Jornadas Científicas sobre Doenças Tropicais e Grandes Endemias”, presididas por Filomeno Fortes, constando de três sessões (Desafios da Medicina Tropical, Doenças Tropicais Negligenciadas e Grandes Endemias), às quais tive a honra de comparecer e participar. O terceiro Evento foi, também coincidentemente, igualmente em português e ocorreu em Campo Grande, MS, Brasil durante a Realização do “49º Congresso da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical” (SBMT). Uma

mesa Presidida por Carlos Henrique Nery Costa (Presidente da SBMT) e por mim mesmo, focou “A Medicina Tropical dentro e fora dos Trópicos” com falas de CHN Costa, Jong-Yil Chai (Tesoureiro da IFTM, Coréia do Sul) e minha. Dos outros Eventos previstos, todos em inglês, três já ocorreram: um em Perth, Austrália, com uma mesa redonda sobre “Zoonoses Parasitárias e Medicina Tropical”, na “24ª Conferência Internacional da Associação Mundial para o Avanço da parasitologia Veterinária” (WAAVP, 25-29/8/2013), com a presença de Santiago Mas-Coma, Vice-Presidente da IFTM; um segundo em Copenhagen, Dinamarca, com a mesa redonda intitulada “Medicina Tropical e Saúde Global: como caminhar lado a lado”, sob a minha Presidência e de Francesco Castelli (Itália) no “8º Congresso Europeu de Medicina Tropical e Saúde Internacional” (ECTMIH, 9-13/8/2013) e o terceiro também sob minha presidência e de Ric Price (Austrália). Uma última mesa ainda advirá: “A patogenia da malária vivax”, em Washington, Estados Unidos, durante o “62º Encontro da Sociedade Americana de Medicina Tropical e Higiene” (ASTMH, 13-17/11/2013). Uma última mesa advirá: “O paradigma se desvia para a Eliminação das Doenças Parasitárias” no “Encontro Internacional Conjunto de Medicina Tropical de 2013” (JITMM 2013, 11-13/12/2013) em Bangkok, Tailândia com a presença de membros da Presidência – IFTM (Srsin Khusmit, Tailândia; S Mas-Coma e J-Y Chai); e da Direção Expandida da IFTM (Shigeyuki Kano, Japão e Xiao-Nong Zhou, China) entre outros.

É lugar comum a idéia de que vivemos um mundo global com comportamentos estereotipados em tornos de smartphones (dos quais os jovens não conseguem mais se libertar) e instrumentos de comunicação virtual, tão eficientes quanto invasivos (dos quais os profissionais não podem mais abrir mão). Constatar que nesse mundo, em que as ciências também pasteurizaram a língua e as formas de comunicação, ainda se pode encontrar focos de ânimo, patriotismo e resistência, empenhados com a defesa da noção da identidade dentro da diversidade dos povos e buscando, sem nenhum elitismo ou xenofobia, criar foros para a identificação, manutenção e reforço de processos e fatores de integração e fraternidade entre nossos semelhantes, enche-me de alegria e esperança.

Vida longa aos *Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical!*

<sup>1</sup> A Holanda (1938 e 1988) e o Brasil (1963 e 2012) foram até agora os dois únicos Países a albergar por duas vezes um Congresso Internacional de Medicina Tropical (na realidade, um ICTM e um ICTMM em cada País). Portugal acolheu e realizou em Lisboa o VI ICTMM em 1958.